

## *Homilia de Dom Fernando Guimarães, Arcebispo Militar do Brasil, na celebração jubilar dos 50 anos de falecimento do Pe. José Kentenich*

Após celebrar a Santa Missa, na sacristia, enquanto tirava os paramentos litúrgicos, o Padre Kentenich morreu repentinamente, como nós ouvimos na narrativa de inauguração da Praça em sua homenagem. Pelo que eu sei, ele está enterrado no mesmo lugar, ao pé do altar onde caiu, na Igreja da Santíssima Trindade.

Nós estamos celebrando 50 anos desse fato, mas, como somos pessoas de fé, nós acreditamos no Deus da vida e em Jesus que disse: *“Quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá; quem vive e crê em mim não morrerá jamais; quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida e viverá eternamente”* – e nós acreditamos nessa palavra de Jesus.

E assim que, aparentemente, é motivo de dor e de sofrimento a morte na caminhada humana. Para nós, cristãos, a morte se torna o dia do nascimento para o céu. A chegada, após longo caminho percorrido, após a estrada acidentada cheia de obstáculos que cada um de nós é chamado a percorrer, por mais tempo ou menos tempo. A morte é um lançar-se confiante nos braços do Pai. É um dia de festa. *“Eu não morro, eu entro na vida”*, essa frase de Santa Terezinha, podemos também aplicar ao Padre Kentenich.

A Providência Divina uniu o dia da sua entrada na vida eterna à festa de Nossa Senhora das Dores, essa festa que é tão cara ao coração de todos os católicos. Porque, pelas dores de Maria, nós identificamos as dificuldades, os sofrimentos, as provações que também nós somos chamados a passar ao longo de nossa existência. Já quando Maria leva seu filho para apresentar no templo, conforme a lei mosaica, Simeão anuncia que uma espada de dor irá transpassar o coração daquela Mãe. Nós podemos imaginar todas as contradições, todas as dificuldades e sofrimentos que Maria teve que viver ao longo da sua vida como Mãe do Filho de Deus. E nós chegamos ao ponto mais alto do dia de hoje. [...] Maria, aos pés da Cruz, unia-se ao sofrimento de seu Filho, sabendo que esse sofrimento era provocado pelo pecado da humanidade e que na cruz o coração do Cristo, cheio de amor, devia ser transpassado, seu sangue derramado, sua carne dilacerada; é este sacrifício em que nos renovamos cada vez que celebramos a Missa. Maria oferecia seu corpo e seu coração de Mãe juntamente com o sacrifício de Cristo, por isso podemos chamar de corredentora. [...]

Maria fez o contrário do que Jesus disse no evangelho: não foi João Evangelista que levou Maria para sua casa, mas foi Maria que levou seu filho, Padre José Kentenich, para sua casa, o reino de Deus. Ela o acompanhou nessa entrada para a vida eterna. [...]

Façamos como João Evangelista, levemos a Mãe para nossa casa, nossa família, para o nosso trabalho e, nesses tempos tão difíceis, nessa situação tão dramática em que vive nossa pátria, nesses momentos cruciais para o seu futuro, levemos Maria para o coração do Brasil. Se Deus não está presente, em vão trabalham os que constroem a cidade.

Santuário Tabor da Esperança, 15 de setembro de 2018.